

NORA, DIOGO E RUTE INVESTIGAM

O ASSALTO NA ESCOLA!

Joana
Estrela



O ASSALTO
pág. 9

A PISTA
pág. 15

A COZINHA
pág. 23

O SUSPEITO
pág. 79

A CASA
DE BANHO
pág. 29

O BARRACÃO
pág. 35

O ZÉ
PEQUENO
pág. 41

A INVESTIGAÇÃO
pág. 45

O OUTRO LADO
DA PORTA
pág. 61

A CHANTAGEM
pág. 53

AS TARDES
DA PISCINA
pág. 73

AS ÁGUAS
SUBTERRÂNEAS
pág. 69

O CULPADO
pág. 81

O FIM
pág. 85

CAPÍTULO 1

O ASSALTO



Tudo começou numa terça-feira.

A Rute chegou à escola de manhã e disseram-lhe que tinha havido um assalto. Foi tudo muito excitante, principalmente porque as aulas começaram mais tarde e os alunos puderam ficar a correr de um lado para o outro no recreio, a espalhar boatos.

- Ouvi dizer que os ladrões partiram uma janela!
- Ouvi dizer que roubaram os lápis de cor!
- Ouvi dizer que beberam o leite todo!

Os rapazes vinham, em grupo, ter com cada uma das raparigas para lhes dizer «Já soubeste? Eles escreveram na parede: VAMOS MATAR-TE, TERESA ou ANA, ou FÁTIMA», dependendo do nome da rapariga em questão. A Rute não acreditou nisto, claro, mas raparigas mais sensíveis, como a Elizabete e a Clara, abraçaram-se num canto a chorar.

Quando a turma finalmente entrou na sala de aula, descobriram que afinal uma das janelas estava realmente partida. O quadro negro tinha sido coberto com um lençol branco, e a professora disse-lhes que o ladrão tinha escrito nele.

— Agora tem de ficar assim até a polícia chegar, para procurarem as impressões digitais.

Isto foi a gota de água que fez transbordar a Elizabete, que começou um pranto histérico e teve de ser enviada para a enfermaria, acompanhada pela Clara. Enquanto

isso, o resto da turma fervilhava de entusiasmo. «Como é que se veem as impressões digitais? Podemos ajudar os detetives? Há suspeitos?». Alguém levantou o braço para perguntar à professora se os ladrões escreveram no quadro que os iam matar e ela abriu muito os olhos:

— O quê? Não! Meu Deus, não. Vocês estão todos a salvo, não se preocupem.

Mas também não lhes disse o que é que estava lá escrito. Durante o resto da aula, a Rute tentou prestar atenção à professora Júlia, mas o seu olhar acabava sempre por se distrair e ficar preso no grande pano branco, pendurado atrás dela.



A Rute é a presidente do Clube de Jornalismo da escola. Faz sentido ter sido eleita presidente visto ser também o único membro. O jornal da escola noticia os eventos escolares, mas a maior parte dos estudantes

não o lê porque também está nos mesmos eventos e já sabe o que é que se passou.

A Rute tem dado o seu melhor para atrair novos leitores, mas sem grande sucesso. O seu artigo contundente sobre as bebidas açucaradas da cantina foi amplamente ignorado, assim como a reportagem sobre a população de aves no pátio da escola (sobretudo pardais). Mas ela não se culpabiliza! Sabe que é uma boa jornalista. O problema é que nunca há nada de interessante a acontecer na escola e é difícil escrever um jornal cativante se não se pode mentir (e a professora Júlia desaconselhou-a expressamente a fazê-lo). Por isso, como podem imaginar, ela estava muito feliz no dia do assalto.

Finalmente! Algo digno de notícia!



Quando a campainha tocou para o fim das aulas, a turma começou a arrumar tudo muito lentamente. Todos queriam ficar na sala o máximo de tempo possível, a absorver o mistério do assalto. O Daniel até se ofereceu para regar as plantas e o Miguel esvaziou o caixote do lixo. A Rute organizou os seus lápis de cor um a um, enquanto a professora os olhava perplexa, sem dizer nada. A certa altura, quando já não conseguiam encontrar outras tarefas para preencher o tempo, alguém ganhou coragem para perguntar:

— Quando é que a polícia chega?

— Oh, receio que eles só venham ao fim do dia.

Os alunos devem ter ficado todos com um ar muito desapontado, porque a professora acrescentou rapidamente:

— Eu também estou desiludida! Seria de esperar que a polícia viesse logo, numa situação destas, numa escola! Mas a verdade é que não roubaram grande coisa, só desapareceu o dinheiro da venda de bolos de ontem, para financiar a vossa visita de estudo ao parque ornitológico. Infelizmente esse plano vai ter de ficar em pausa, mas não se preocupem, vamos procurar outras ajudas! — disse a professora, enquanto os mandava a todos para fora da sala.

À medida que a porta se fechava atrás deles, a Rute espreitou uma última vez para dentro. Uma rajada de vento entrou pela janela partida e fez a cortina branca rodopiar e torcer-se, e ela viu-o. Desenhado a giz, um Enforcado.



CAPÍTULO 2

A PISTA



A Rute desenhou o Enforcado no seu caderno enquanto a Nora e o Diogo se juntavam a ela para discutir a descoberta.

— Só pode ser a assinatura do ladrão! — disse a Nora.

— Como o Z de Zorro! — acrescentou o Diogo.

A Rute disse-lhes, em voz baixa:

— Vocês ouviram o que a professora Júlia disse, a polícia vai demorar mil anos a resolver isto! Acho que devíamos ser nós a investigar! E depois posso anunciar o culpado no jornal da escola.

— Rute, se nós descobrirmos mesmo quem foi o assaltante acho que a notícia até pode vir a ser publicada num jornal a sério! — disse a Nora. A Rute não apreciou a sugestão de que o seu jornal não era um jornal a sério mas decidiu não dizer nada. Não valia a pena chatearem-se, ela ia precisar da ajuda deles.

— Não vai ser perigoso? E se o Enforcado... nos enforcar? — perguntou o Diogo.

— Estamos nisto juntos. E não contamos a mais ninguém da investigação, combinado?

Esperaram pela Nora, que teve de esfregar as mãos nas calças para as limpar do pó cor de laranja dos *Cheetos*, e depois juntaram as mãos.

— Combinado.

— Combinado.

— Combinado.



— Então, por onde é que começamos? — perguntou o Diogo.

— Vocês nunca viram nenhuma série policial? — estranhou a Nora.

Tanto a Rute como o Diogo fizeram «que não» com a cabeça. Nenhum deles tinha permissão para ver televisão depois das nove da noite. Mas os pais da Nora eram muito mais relaxados. Ela era a única pessoa da turma que já tinha visto um filme de terror e uma vez descrevera-o para toda a gente durante o intervalo para o almoço. O Filipe quase que vomitou a sanduíche. Por isso, a Nora explicou:

— Nas histórias de detetives, o culpado é sempre o mordomo.

O outros ficaram confusos:

— O que é um mordomo?

— É alguém que faz coisas na casa.

— Tipo a senhora das limpezas?

— Não — disse a Nora. — O mordomo é sempre um homem.

Todos se calaram, porque souberam imediatamente que só havia um homem a trabalhar naquela escola. E era alguém de quem sempre tiveram medo.